

As bordas da circulação...¹

Antonio Fausto Neto

Para Milton Cabral Viana, *in memoriam*

Breve nota introdutória

Retoma-se neste texto reflexões apresentadas na Compós onde se propôs a discussão da seguinte questão: novas percepções sobre a existência da recepção, no contexto da comunicação midiática, não poderiam deixar de lado as transformações havidas no âmbito da circulação, cujas manifestações de funcionamento se tornam cada vez mais visíveis. Situada na “arquitetura comunicacional e seus processos de midiaticização crescente, a circulação institui novas formas de interações entre produtores e receptores de mensagens, complexificando seus papéis, ao organizá-los segundo novas dinâmicas de interfaces. Este fenômeno enseja que novas hipóteses sejam formuladas acerca da existência deste “terceiro pólo”, especialmente o seu trabalho constituinte de novas possibilidades internacionais. A circulação deixa de ser um elemento “invisível” ou “insondável” e é, graças a um trabalho complexo de linguagem e técnica, segundo operações de dispositivos, que sua “atividade construcionista” complexifica o processo da comunicação, gerando pistas, instituindo novos objetos e, ao mesmo tempo, procedimentos analíticos que ensejem a inteligibilidade do seu funcionamento.

Nestas condições, o propósito deste artigo visa recuperar as reflexões apresentadas naquele fórum, especialmente as motivações em torno de pensar novo modo de existência da recepção, a partir da explicitação de operações da circulação que incidem sobre novos protocolos que articulam produtores/receptores de discursos. E, de modo pontual, um receptor situado em uma determinada nova problemática.

A evolução do lugar da recepção

Convém lembrar que noções sobre a recepção (apesar das diferentes nomenclaturas conceituais utilizadas ao longo das últimas quatro décadas) surgem com a emergência das tecnologias e sua conseqüente conversão em meios de comunicação que repercutem sobre a organização social e seus processos de interação. Interrogações, com algumas variantes, acompanharam a evolução do lugar da recepção focando de modo específico, de um ângulo dominante de uma perspectiva funcional, a problemática dos efeitos. Estas interrogações organizaram, em certo momento, possíveis respostas sobre a questão dos efeitos. Usaram modelos de caráter transmissional, enfatizando a tese segundo a qual, os vínculos entre emissores e produtores resultariam de uma ação em que os sujeitos estariam situados de modos distintos: o primeiro como acionador e o segundo como receptor. A problemática dos efeitos nascia como efeito de uma noção de calculabilidade, ou seja: os efeitos seriam uma consequência de ações organizadas aparentemente, em situação de equilíbrio e de confiável previsibilidade entre as intenções motivantes de emissores e a confirmação das suas expectativas emissoras, por parte do receptor. Dizendo de outra forma, a ação tecnosimbólica organizada pelo lugar da produção de mensagens se efetivaria na instância da recepção de modo causal, segundo intencionalidade sobre a qual inexistiria qualquer outra ocorrência, que viesse a complexificar, ou mesmo a contrariar a natureza deste fluxo transmissional. A construção das relações entre produção e recepção repousava em torno da ocorrência de um ato cujas complexidade e indeterminação estavam colocadas fora de cena. Considerava-se a ênfase ao aspecto consciencial dada por este processo, pondo também fora da cena o âmbito da circulação. A existência de uma “zona” no fluxo produção/recepção era naturalizada como uma “passagem” automática neste circuito – uma espécie de intervalo – sobre o qual diferentes tradições de pesquisa desconheciam a sua existência. Ou seja, produziram então sobre o intervalo apenas inferências, desconhecendo a amplitude de sua problemática. Se o âmbito de produção de mensagem obtinha o seu reconhecimento como um lugar formal e explícito – realizador de certa ação tecno-discursiva – o da recepção existia como um efeito do trabalho que se voltava às “massas amorfas” e “sem espírito”, concebidas como coletivos homogeneizados, nas formas de públicos e audiências. Sobre a circulação, dela se detinha apenas impressão imobilizadora, pois a definia como uma espécie de “zona insondável”...

As “massas”, que foram os primeiros candidatos a “interlocutores” das mídias, foram convertidas em primeiros objetos para pesquisas sobre produção dos efeitos. Fazendo repousar os fundamentos do ato comunicativo sobre aspectos norteados pelas “teorias das intenções”, tal “paradigma” cuidou de enfatizar os processos de captura das audiências e de conferir, mediante formalizações estatísticas e operações matemáticas, a efetividade e qualidade de suas relações com o aparelho produtivo.

Sob às expensas das hipóteses sustentadas pelas “teorias das intenções”, as audiências e públicos perderam suas materialidades e os entornos de suas especificidades, sendo re-situados, ou mesmo capturados por desenhos metodológicos que, deixando de fora intentos e pistas que ajudassem a compreender a própria “alma” das audiências, apenas ratificariam os pressupostos em torno dos quais se nutriria o próprio ato investigativo e suas intenções. Mas, as audiências permaneceram. Oferecem uma espécie de *resto* que sinalizaria sua existência pelas primeiras observações acerca dos descompassos entre intenções das emissões e suas contrariedades, captados por outros equipamentos que pudessem concluir, dentre outras coisas, que a “Multidão Solitária” age deixando marcas de um trabalho distinto em relação às mensagens que lhe eram dirigidas por *dispositivos prescritivos*.

A recepção age...

Nossa hipótese é a de que o balanço da trajetória dos primeiros estudos, de tradição funcionalista, sobre a constituição das audiências e dos efeitos de mensagem sobre elas, ao invés de apontar para o fechamento de um ciclo de preocupações sobre a recepção, sugere um avanço distinto dos seus postulados. Ou seja, a formulação de outros capítulos e pistas de investigação que avançam um pouco mais em relação às proposições anteriores, pois a recepção *existe e age*.

Novas percepções sobre a questão evoluem face às problemáticas que vão sendo eleitas em novos cenários nos quais as interações entre mídias e consumidores passam a ser rastreadas, sob o signo de novas interrogações. O modelo tecnofuncional com que se examinava estas interações perde força, na medida em que se reconhece que a ação das mídias é condicionada a uma multiplicidade de fatores que tratavam de relativizar as condições que lhes eram atribuídas e segundo as quais os receptores recebiam as mensagens midiáticas em condição totalmente desprovida de proteção... Da existência de um cenário técnico, com capacidade supostamente irradiadora e transmissional, as mídias passam a ser situadas em campos sociais com quem dividiam as cenas das interações, ainda que tenham assumido no âmbito da “sociedade dos meios” um trabalho peculiar, o de superintender, por sua competência discursiva, as interações entre os demais campos sociais (Rodrigues, 2000). Trata-se de papel central, mas não exclusivo, uma vez que é neste contexto estruturador dos campos sociais que a formação dos mercados discursivos dá origem também às novas modalidades de disputas de sentidos entre diferentes campos e suas respectivas idealidades. Sabe-se que as grandes teorias sobre o poder da técnica (leia-se mídias) são elaboradas nestes tempos por braços do funcionalismo (como é o caso da teoria do agente *setting*) – mas desconfia-se, contudo, da assimetria nestes protocolos. Este sintoma ganha força com o impacto das formulações de teorias denunciadoras sobre a qualidade desta “arquitetura comunicacional”. Tais teorias mudam razões, mas não

a lógica da tese funcional, na medida em que conservam os receptores em estágio de desproteção, cristalizando assim o seu modo de existência assentado sobre uma determinada convicção vigente.

Permanência da roupagem

A problemática dos efeitos permanece, ainda que sob nova “roupagem teórica”, presa à perspectiva intencional, algo que espalharia, via discursos e mensagens, a motivação dos autores de mensagens. Algumas assimetrias são assinaladas, por outros modelos, evidenciando as diferenças entre produtores e receptores de mensagens. São matrizes analíticas que tentam superar as “disposições funcionalistas” e passam a reconhecer de modo mais intenso a existência do receptor e do seu trabalho. Mas, praticamente, os deixa no mesmo lugar, uma vez que os equipamentos teóricos mobilizados para explicar as assimetrias se apóiam em operadores analíticos que não podem dar conta da singularidade do complexo trabalho feito pela recepção.

Feixes de relações, modos de estratégias

Sem dúvida que a constituição de campos sociais e as lutas tecno-discursivas pelo trabalho de produção de sentido complexificam-se com a intervenção de novos processos e dispositivos, como os midiáticos, chamando-se atenção para sua centralidade e o trabalho simbólico dos receptores. O limiar das transformações da “sociedade dos meios” para uma “sociedade em vias de midiáticação” gera estruturas e dinâmicos feixes de relações. A primeira, caracterizada pela existência dos meios (seu papel, e dos seus peritos) para vida social (Giddens, 1991). A segunda, pela intensidade da transformação de tecnologias em meios constituindo a organização social, fazendo com que todas as suas dinâmicas sejam afetadas por lógicas e operações de mídia (Verón, 1998). Na “sociedade dos meios” os estudos sobre a recepção formalizam hipóteses que vão guiar investigações, cujo cerne é mostrar que o receptor faz tantas coisas outras, distintas daquelas que são estimadas pelos produtores. Na “sociedade em vias de midiáticação” o receptor é de fato reconhecido, mas a problemática que lhe dá uma nova feição e modo de existência, está apenas lançada de modo seminal. Quais relações destes aspectos com a circulação? Explicando de outra forma: em ambas sociedades a problemática da circulação é um desafio para pesquisa. Na primeira, passa à margem, na medida em que é silenciada, pois é concebida como uma “região naturalizada”. Na segunda, recebe várias designações: intervalo, “zona de contato”, etc., mas que não dão conta de sua respectiva complexidade e a sua pertinência para a compreensão de uma realidade comunicacional. Se, na “sociedade dos meios”, a “arquitetura comunicacional” era constituída por dispositivos e fluxos

menos complexos, gerando interfaces e interações determinadas, na “sociedade em vias de midiaticização” estamos diante de um novo cenário sócio-técnico-discursivo que constitui as novas interações entre produção/recepção. Estas resultam diretamente, de novas formas de organização de circulação dos discursos. A problemática dos efeitos de sentido assume uma nova complexidade, requerendo dispositivos analíticos, especialmente procedimentos refinados que possam descrever como a problemática da circulação deixa se mostrar em novos cenários.²

Algumas pistas sobre uma nova problemática

Como se sabe, na tradição causalista a questão dos efeitos ocupou observações e estudos que enfatizaram a força dos meios midiáticos enquanto produtores de mensagens e sua capacidade em fazer valer a intencionalidade dos seus produtores. Nela, enfatizava-se a oferta midiática de onde emanariam as intencionalidades sobre as quais se realizaria a recepção da mensagem. A noção de circulação estava condicionada uma ação tecno-discursiva desferida pela instância produtiva. Ou seja, é “a partir do ponto de vista do ator e de suas intenções que se deve ter um discurso sobre a totalidade da circulação do sentido”³ (Verón, 2005: 84). O destino dos sujeitos em recepção não seria mais do que aquele de consumir os meios e o de se submeter aos efeitos por eles presumidos. Interessante que ao determinismo funcionalista se apresentou um outro, aquele que vem denunciar a existência de coletivos, desprovido de condições, desnudo em suas defesas, contra a avalanche midiática. Uma e outra posição, apoiados por modelos teóricos diferentes, enfatizam a dominância de uma ação unidimensional do dispositivo midiático, enquanto única instância geradora de efeitos previstos pela própria operação emissora.

Incidência sobre as ciências da linguagem

Pensamos que, de alguma forma, este modo de examinar a problemática de efeitos repercute entre alguns trabalhos desenvolvidos no ambiente das “ciências das linguagens”, ao subsumir a problemática da circulação àquela do sistema produtivo. Alguns ângulos de estudos sobre as “gramáticas de produção” trazem sequelas destas preocupações. Estudamos funcionamento textual para recuperar como, no nível das gramáticas, se estruturariam as intencionalidades do discurso. Também, como através deste expediente se poderia inferir a produção dos seus efeitos sobre a recepção. Ou seja, tais motivações buscavam compreender, a partir de estudo de gramáticas, como discursos procuram constituir em suas fronteiras noções e operações sobre a existência da recepção. O texto passa a se constituir num dos estágios da pesquisa semiológica que examina a existência da recepção submetida a uma determinada lógica de fundo acionalista⁴.

Neste contexto, o conceito de circulação aparecia apenas como uma espécie de passagem, e suas manifestações poderiam ser recuperadas, uma vez que os modelos que estudavam as gramáticas lançavam suas âncoras sobre estratégias discursivas do âmbito produtivo. Nele também localizam – se algumas operações que poderiam – em regime de produção – fazer alusão a existência de marcas de existência da recepção. Mas, veremos a seguir que é no deslocamento da ênfase dos estudos semiológicos das gramáticas em produção para os da recepção que faz emergir a existência da circulação e de sua respectiva complexidade.

A circulação e suas bordas

São modelos equidistantes à teoria da ação que vão situar a problemática da recepção em outro patamar. São, justamente, os limites pouco revelados nestas fronteiras que causam a ampliação dos olhares e a constatação de que a questão dos efeitos está associada mais a uma problemática de complexidades do que das linearidades.

É o deslocamento do exame do ato comunicacional de uma problemática instrumental para aquela da enunciação, que vai oferecer os “insumos” desta perspectiva de complexidade. O conceito de enunciação chama atenção para o fato de que o ato discursivo se constitui em um complexo trabalho, uma vez que o sujeito apropria-se da linguagem para referir-se, referir o mundo e referir o seu *socius*. Essa construção evidencia a natureza da comunicação – interpessoal e complexa, (como a midiática) – como uma questão relacional, e não só de caráter transmissional. O sujeito lida com várias injunções, de modo voluntário, ou não, como a linguagem que age sobre ele produzindo surpresas e também dissabores. Nestas condições, o sujeito individual ou institucional, não é o mestre da atividade discursiva, mas efeito do seu funcionamento na medida em que se encontra “constrangido” ou “mobilizado” por uma ordem que o transcende, como algo complexo que é aquele da interdiscursividade. Defronta-se com uma “questão ternária”, pois a possibilidade de enunciar, ou de se constituir na co-enunciação, subentende à sua “submissão”, uma ordem que o transcende e que remete seus pedidos e intenções, à dimensão interdiscursiva. Trata-se da complexificação do processo da comunicação e não de sua desobjetivação: não se trata da supressão dos lugares de produção e da recepção de discursos, mas de sua subordinação à configuração de novos regimes de discursividades nos quais o discurso está preso. Trata-se da ordem interdiscursiva onde a circulação – como “terceiro” – se oferece como um novo lugar de produção, funcionamento e regulação de sentidos.

Zonas de indeterminação

Desta perspectiva, o conceito de circulação distancia-se da problematização anteriormente que a concebia como “zona insondável”, “intervalo” ou “passagem”,

e também como ato discursivo de um sujeito a outro, em instância de produção à recepção. É uma zona de indeterminação criada pela existência e manifestação de um terceiro elemento que vem funcionar como um dispositivo, enquanto espaço gerador de potencialidades. Retira das gramáticas a soberania de suas intenções, pois na medida em que os discursos se contatam, neste novo espaço, suas intenções de origem perdem força, uma vez que estão entregues à dinâmicas que fazem com que produção e recepção não as controlem bem como os efeitos que presumem estabelecer sobre discursos. A linearidade dá lugar à heterogeneidade. Dissolve-se a existência de uma noção de equilíbrio entre atos da comunicação, especialmente seus vínculos de simetridade, na medida em que as intenções que os engendram não são controláveis. Não podem os mesmos se impor unilateralmente, apesar de estarem submetidos às regras e processos produtivos aparentemente coerentes, que visam orientar a atividade racional dos lugares de enunciação. No lugar das regras, emergem estratégias e cujas lógicas apontam mais para diferenças do que para convergências. Queremos insistir sobre este aspecto: a problemática dos efeitos se complexifica porque a atividade de produção de sentido realiza-se no âmbito de complexas zonas de enunciação – ou por elas responsáveis – como é o caso da circulação – e que são mais complexas do que a troca e os intervalos. Deriva de um trabalho cuja realização e resultados são produtos de uma atividade intencional, instaurando pactos simetrizantes entre os sujeitos. Tais intervalos, ao invés de serem pensados como um fenômeno estático, devem ser lidos como complexas processualidades, enfeixando relações sobre as quais não se detêm o controle de suas dinâmicas. A própria existência e trajetos de produção e da recepção resultam do “aparelho circulatório”, enquanto efeito de suas disposições, na medida em que é este último quem define e impulsiona sobre as quais se fundam as operações de instalações de produção de sentidos. É por força deste aparelho que estes lugares se constituem, ou são mobilizados para ver o que os outros lhe destinam, ou deles pedem como a atenção. No lugar da passagem automática – da produção à recepção, conforme pleiteava a teoria das intenções, emerge uma nova zona. Nasce das suas franjas das fronteiras e das dinâmicas nelas geradas. No lugar de contornos claros entre suas delimitações, interfaces. A soberania das gramáticas – em produção e em reconhecimento – perde suas marcas discursivas de fronteiras. Estas são dissolvidas pela força de co-enunciações que se constituem no contexto deste novo dispositivo circulatório. Este as põe em contato, mas através de marcas que somente produzem sentido através do trabalho que fazem no interior das interfaces.

A caminho de uma formalização

As possibilidades de formalização desta nova problemática são inspiradas em um território epistemológico-teórico mais próximo a determinada orientação sócio-

semiótica que estuda a comunicação midiática a partir de novas complexidades. Conforme vimos, nos estudos sobre as mídias, relacionados com a problemática dos efeitos, tínhamos como pressupostos, de um lado, a existência de gramáticas fortemente estruturadas em processos definidos por instituições, como é o caso dos discursos midiáticos. E de outro, a emergência de multiplicidades de gramáticas que se fundam e se orientam em diversidades de lógicas oriundas do mundo dos atores e dos indivíduos. No lugar da homogeneização de sentidos, a diversidade e heterogeneidade de estratégias. No lugar da convergência, inevitáveis defasagens crescentes entre gramáticas de produção e de reconhecimento; desvios de lógicas que viriam a mostrar complexas articulações entre estas duas instâncias, produção e recepção.

O conceito de circulação foi tentativamente nomeado no final da década de 1970, ao chamar atenção para as diferenças entre as relações das gramáticas de produção e as de recepção, desenvolvidas no âmbito da comunicação midiática. Alguns estudos examinaram-na como uma questão da defasagem existente entre as gramáticas, indo até a indicação desta problemática, mediante análises de marcas discursivas. Também, a partir das singularidades das manifestações da defasagem indicadas pelas marcas das gramáticas, via estratégias que suscitam uma espécie de “questão regulatória”. Por outras palavras, como fazer para que a (inevitável) defasagem entre gramáticas de produção/reconhecimento (não podendo ser examinada sob a ótica de articulações) produza efeitos que radicalizem mais as condições de “desequilíbrio” nestas relações? Por exemplo, como evitar a radicalização da defasagem, algo que teria a ver com os receptores, que, se situados em zonas de “pontos de fuga”, geraria a quebra dos elos e de possíveis protocolos de fidelização com as suas mídias, por eles consumidos?

Circulação ou regulação

É neste bojo que aparecem os estudos sobre “contratos de leitura”, cujos objetivos visariam, grosso modo, descrever as possibilidades de construção de vínculos entre produção/recepção, levando-se em conta suas diferenças de lugares de produção enunciativa. Admitida a inevitável defasagem oriunda do “dispositivo circulatório”, os “contratos de leitura” são entendidos como uma instância “reduzora de complexidade”. Não podendo enfrentar a indeterminação, desenvolve-se estratégias que possam manter produtores/receptores em possíveis “zonas de contatos” ou, de “pontos de articulação”. Assim, algumas pesquisas estudaram os “contratos” a partir da problemática das gramáticas em produção. Outras observaram tais pontos de articulação entre produtores/receptores a partir de marcas de “pontos de contatos”, nos quais se encontravam. Para tanto, trataram de reconstituir tais operações através de processos observacionais vários, que pudessem indicar como estratégias de ofertas de sentidos, apropriadas por outras estratégias, poderiam gerar pistas sobre as modalidades como

os receptores transformariam tais ofertas. Nestas condições, a circulação deixa de ser um conceito associado à defasagem, e é aproximado ao de “pontos de articulação”. Avança como um novo objeto, como efeito de pesquisas sobre estratégias de ofertas em situação de reconhecimento, nas quais sistematizam-se os trajetos de processos de apropriação de discurso e sua consequente transformação em novos discursos. Ou seja, a circulação – transformada em lugar no qual produtores e receptores se encontram em “jogos complexos” de oferta e de reconhecimento – é nomeada como dispositivo em que se realiza trabalho de negociação e de apropriação de sentidos, regidos por divergências e, não por linearidades. Este esforço analítico se volta para formalizar a existência da problemática da circulação já não mais como um conceito abstrato, mas efeito do avanço sobre a sua própria complexidade. Leva-se em conta que “a circulação é o nome da diferença entre dois pólos” (Verón, 1978: 10), com níveis de funcionamento situado na própria cadeia da interdiscursividade.

Devemos lembrar que tais processos de articulações reúnem as marcas de diferenças onde se formalizam as interfaces entre estratégias de oferta e as de apropriação de discursos. Nestas condições o âmbito da circulação não seria apenas um conceito que remeteria à noção de intervalo, ou defasagem conforme se supunha antes. Mais que isso, é o âmbito de uma complexa articulação entre “propriedades do discurso proposto e as estratégias de apropriação do sujeito” (Verón, Levasseur, 1986: 32).

A emergência do lado visível

O conceito de circulação complexifica-se percorrendo um caminho longo, e somente o avanço das transformações dos regimes sócio-técnicos engendrados pela midiaticização e suas repercussões sobre a organização social, permite compreender a saída de parte de sua problemática, de uma região invisível, para se transformar em dispositivos (com visíveis marcas) sócio-técnico-discursivos que vão reformular imensamente os processos de interação, especialmente o lugar e, o próprio conceito de recepção.

A associação do conceito de circulação associado à noção de dispositivo tem a ver com as profundas alterações tecnológicas, na forma de meios e de discursos, que engendram a “arquitetura comunicacional”, hoje. Os mídia não são apenas compêndios de um processo interacional, mas oferecem seus postulados e lógicas para a própria organização social. Instituem, por suas novas feições, zonas complexas de intensos *feedbacks* entre os atores removendo posições, redefinindo protocolos de comunicação, estabelecendo novas concepções e natureza de vínculos, alterando espacialidades e temporalidades sobre as quais se funda o ato comunicativo. A circulação, ao deixar de ser uma problemática de intervalos entre elementos de um determinado processo de comunicação, passa a se constituir em um dispositivo

central, uma vez que as possibilidades e a qualidade das interações sócio-discursivas se organizam cada vez mais em decorrência da natureza do seu trabalho de transformação da arquitetura em processos comunicacionais. As lógicas dos “contratos” são subsumidas por outras “lógicas de interfaces”, circunstância que reformula o *status* e a própria noção de receptor. As lógicas sobre as quais se fundam as enunciações deslocam os sujeitos discursivos para novos espaços ou dispositivos singulares: mídias como o rádio, a tevê, o jornal, parecem desaparecer para se transformar em “superfícies multimidiáticas” controladas pelo receptor. Haverá sempre, supostamente, múltiplos produtos audiovisuais (os meios são antes de tudo um mercado), mas não haverá mais “programação”. Esta superfície operatória abarcará tudo: informação, entretenimento, computação, telefonia, comunicação interpessoal. Conheceremos, pois a “convergência” tecnológica que a IP torna possível e que coincide, paradoxalmente, com a máxima “divergência” entre oferta e demanda na história dos meios (Verón, 2007: 12).

O receptor é situado à nova problemática dos dispositivos circulatórios. Muda o seu *status* e suas relações com os nichos em produção, a partir de uma específica inserção que resulta das disposições e das injunções do trabalho da circulação: “O receptor não é meramente ativo: será o operador/programador de seu próprio consumo multimidiático. De um certo ponto de vista, se poderia dizer que assistimos a culminação natural, no mercado dos meios, do individualismo da modernidade”⁵ (Verón, 2007: 14).

Outros efeitos decorrem dos modos como complexos dispositivos vão reformulando os meios e suas dinâmicas: de um lado, concentrados em processos de complexas convergências tecnológicas; por outro lado, observa-se que os receptores perambulam por várias mídias, migrando em seus contatos com os mesmos, e quebrando zonas clássicas de fidelização com vários deles. Trata-se de um “desajuste” introduzido pelo fato de que cada vez mais o maior número de pessoas vê cada vez menos os mesmos programas, na medida em que as especificidades dos seus contatos com um determinado meio são potencializadas e desdobradas com vários outros, face à natureza do próprio ambiente e funcionamento dos dispositivos midiáticos. É a ameaça de sua permanência em uma “zona de solidão”, provocada pela circulação, que leva as mídias a redesenhar seus produtos e, sobretudo, seus protocolos de interação com os seus consumidores. Desenvolvem vários expedientes: desde o “sistema social de resposta” (Braga, 2006); os “convites” – ou transformação de cidadãos em jornalistas – a entrar na lógica de processo produtivo, participando em vários níveis de suas secções. Tornam-se co-gestores destes processos, ainda que o controle sobre novas modalidades de interfaces e dos processos decisórios, em termos editoriais, esteja com os *neo-gate-keepers*. Tais injunções circulatórias não deixam de ser novas formas de situar os receptores junto ao âmbito do próprio sistema de produção tecno-discursiva das mídias. Não mais mantidos a distância, os receptores

se tornam em um co-operador destes processos passando integrar a própria cena produtiva midiática, nos seus mais variados formatos e gêneros. A complexificação tecnológica expõe o trabalho da circulação, muda os ambientes, as temporalidades, as práticas sociais e discursividades, os processos, o *status* dos sujeitos (produtores e receptores), as lógicas de contatos entre eles e os modos de envio e reenvio entre eles diluindo fronteiras outrora cristalizadas, em favorecimento desta nova “zona de contato”, mas também de indeterminações. As convergências não geram apenas homogeneizações, pois as mídias apontam para seus medos de “trafegar na solidão”, diante das lógicas de heterogeneidades que caracterizam o novo caminhar dos receptores. Sintoma desta realidade é o fato de as mídias trabalharem cada vez mais com estratégias de autorreferencialidades, postulando sua existência, descrevendo as suas operações de produção da realidade que instituem, numa espécie de ação que visa capturar os receptores, compartilhando com eles o mundo desta realidade particular. Converte-se, por este processo de circulação e dos seus efeitos, o deslocamento do leitor à cena discursiva algo que deixa de ser privilégio das rotinas produtivas. Mas, tal ato sinaliza também para efeitos contraditórios impostos pela própria lógica sócio-técnica discursiva da mídiatização crescente: ao instituir a diversidade de formas, possibilitando que o receptor estabeleça outras possibilidades de contatos com novos dispositivos, põem em risco velhas fidelizações e contratos de leituras. Este fenômeno gera a adoção de esforços regulatórios que possam administrar a complexidade do funcionamento da mídiatização. Portanto, o receptor não se fecha em torno da “lógica da convergência”, mas também não assina cheque em branco solicitado pela fidelização.

Uma nota em conclusão

Observamos neste final que o caminho percorrido, abriu muitas frestas em relação aos interesses mais específicos que nos motivaram a fazer esta caminhada reflexiva. Mesmo que tenhamos visitado de modo breve, estas questões deixaram algumas pistas para que leituras outras possam fazer outras interpretações. Propositadamente, deixamos preservadas do texto anterior algumas angulações de caráter mais empírico sobre o funcionamento da circulação, por entender que pertenciam a um recorte distinto do que aqui é enfatizado.

De nossa parte, consideramos que o exercício de teorizar sobre fenômeno tão complexo, e examinado de modo ainda tão seminal, nos convida a uma permanente visita sobre escritos elaborados acerca do tema, a exemplo que fazemos aqui, em relação ao texto da Compós, em 2009. Reabrir textos significa enfrentar de modo inevitável a realidade da circulação. Se os textos são datados quando escritos e, quando oferecidos aos leitores para o seu primeiro contato, sofrem a interferência da circulação, pois, são re-contatados em novos momentos nos quais podem ser

produzidas novas escutas e leituras. Portanto, este texto permanece em defasagem pelo que se prometeu acima, mas também por outras questões que somente podem ser agregadas pelo leitor quando for situado em zonas de contatos.

De algum modo esta é uma problemática metodológica que enfrentamos na condição de leitores interessados sobre o funcionamento dos discursos midiáticos, nesta nova “arquitetura comunicacional”. Lá, como aqui, estamos deslocados para uma nova paisagem, a qual não é somente instituída, mas conferida pela ação do dispositivo circulatório e de suas incidências. Não mais situados em fronteiras, estamos agora imersos em uma determinada “zona de interpenetração” que solicita além da compreensão dos lugares onde sujeitos e receptores estão em contato, à descoberta de equipamentos analíticos que possibilitem a descrição dos sentidos ali tecidos. Estas questões afetam, de um lado, o campo da mídia e as próprias condições e possibilidades de comunicação no mundo contemporâneo, bem como a relação dos indivíduos com a ambiência da midiatização. E, de modo particular, a natureza do próprio ofício investigativo sobre estes novos cenários e objetos da comunicação midiática.

Pouco sabemos sobre esta nova atividade enunciativa que se engendra nesta ambiência aqui descrita e sobre as novas modalidades de interface nestas zonas de interpenetração. Apresentam-se estes registros como novas imediatricidades, reque-rendo exame com mais vagar. Este parece ser o trabalho que nos desafia daqui para frente. Investigar a complexidade da circulação, a partir de suas próprias bordas...

Antonio Fausto Neto

Professor da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)

Notas

1. Uma versão primeira foi apresentada no “GT Estudos de Recepção”, do XVIII Encontro da Compós, na PUC-MG, Belo Horizonte, MG, em junho de 2009.
2. Este texto dialogou em diferentes momentos de sua construção com alguns escritos de Eliseo Verón no sentido de mostrar a construção do conceito de circulação. Assim, indicamos algumas referências sobre as quais apoiamos esta reflexão: Verón, Eliseo e Boutaud, J. J. *Sémiotique ouverte. Itinéraires sémiotiques en communication*. Paris: Lavoisier, Hermes Science, 2007. Verón, Eliseo. Os públicos entre produção e recepção: problemas para uma teoria do reconhecimento. In: *Televisão: das audiências aos públicos*. Lisboa: Livres Horizontes, 2006. Verón, Eliseo. *Etnographie d'une exposition. L'espace, lê corp set lê sens*. Paris: Centre Culturel Georges Pompidou, 1989. Verón, Eliseo. Semiosis de l'idéologie et du pouvoir. In: *Revista Communications*, n. 28. Paris: Seuil, 1978. Verón, Eliseo. *A produção do sentido*. São Paulo: Cultrix, 1980. Verón, Eliseo. *Fragments de um tecido*. São Leopoldo: Unisinos, 2005.
3. Verón, Eliseo. Pós-Modernidade e teorias da Linguagem: o fim dos funcionalismos. In: *Fragments de um tecido*. São Leopoldo: Unisinos, 2005.

4. Fausto Neto, Antonio. A deflagração do sentido; estratégia de captura da recepção. In: *Sujeito, o lado oculto da recepção*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
5. Verón, Eliseo; Boutaud, J.J. *Sémiotique ouverte. Itinéraires sémiotiques en communication*. Paris: Lavoisier, Hermes Science, 2007.
- Verón, Eliseo. A televisão, este fenômeno “massivo” que conhecemos, está condenada a desaparecer. In: *MediaAmérica Semiótica e análise del média e América Latina Cartamn Edizioni*. Itália, 2007. Versão em castelhano para Digitalismo.com. México, 2007.

Referências bibliográficas

- BASTIAN, Mariana. *Efeitos da cura telereleigiosa*. Trabalho apresentado no VIII Comsaúde São Leopoldo, Unisinos, 2005.
- BOUTAUD, Jean-Jacques e VERÓN, Eliseo. *Sémiotique ouverte. Itinéraires sémiotiques en communication*. Paris: Lavoisier, Hermes Science, 2007.
- DAYAN, Daniel (Org.). *En busca del público*. Barcelona: Gedisa, 1997.
- DAYAN, Daniel e KATZ, Elihu. *La historia en directo – La retransmisión televisiva de los acontecimientos*. Barcelona: Gili, 1995.
- ECO, Umberto. *La estratégia de la ilusion*. Buenos Aires: De La Flor, 1987.
- FAUSTO NETO, Antônio. *Contratos de leitura: entre regulações e deslocamentos*. In: Revista Diálogos Possíveis, Ano 6, n.2 (jul/dez) Salvador: FSBA, 2007.
- _____. *Enunciação, auto-referencialidade e incompletude*. In: Famecos, N.34. Porto Alegre: PUC/RS, dez/2007.
- _____. *Ombudsman: A interrupção de uma fala transversal*. Intercom – VIII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Natal, 2008.
- _____. (...) “Nada tira, nada envolve, nada completa” *Leituras em recepção do discurso midiático religioso*. In: Revista Famecos, n.36, Porto Alegre: Famecos, agosto/2008.
- _____. *Enunciação e “contratos de leitura”: novos ‘modos de dizer’ dos discursos jornalísticos*. Projeto de Pesquisa. Unisinos, 2009.
- _____. *Enunciação mediática e suas “zonas de pregnâncias”*. In: VELÁZQUEZ, Teresa. Revista Designis 13. Buenos Aires: La Crujía, 2009.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.
- JOHNSON, Steven. *Emergência: a vida integrada de formigas, cérebros, cidades e softwares*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- JOST, François. *Promesses et territoires des genres télévisuels*. Urbino, Centro internazionale di semiótica, Document de travail.
- MANCHADO, Mauricio. *Conferencia de Eliseo Verón – Regreso al futuro de La Comunicación*. In: Cuadernos de Comunicación, 2007.
- OLIVEIRA, Ivone de Lourdes e SOARES, Ana Thereza Nogueira (Orgs.). *Interfaces e tendências da comunicação no contexto das organizações*. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2008.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. *Experiência, modernidade e campo dos media*. In: SANTA-NA, R. N. Monteiro de (Org.). *Reflexões sobre o mundo contemporâneo*. Rio de Janeiro: Revan; Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2000.

SCOLARI, Carlos e BERTETTI, Paolo. La televisión, esse fenômeno 'masivo' que conocimos, está condenada a desaparecer. In: *Mediamerica – Semiótica e analisi dei média a America Latina*. Torino: Cartman Edizioni, 2007.

VERÓN, Eliseo. *A produção de sentido*. São Paulo: Cultrix/Ed.Universidade de São Paulo, 1980.

_____. e LEVASSEUR, Martine. *Ethnographie de l'exposition: l'espace, le corp et le sens*. Paris: Centre Georges Pompidou, 1989.

_____. Esquema para el análisis de la mediatización. In: *Revista Diálogos de La comunicación*, n.48, Lima: Felafacs, Outubro/1997.

_____. Semiosis de lo ideológica y del Poder. In: *La mediatización*, 2a. ed. Buenos Aires: Oficina de publicaciones del CBC-UBA, 1997.

_____. *Semioses de la mediatización. Conferência Internacional Mídia e Percepção Social*. Rio de Janeiro, 18, 19 e 20 de maio de 1998.

_____. Os públicos entre produção e recepção: problemas para uma teoria do reconhecimento. In: *Televisão: das audiências aos públicos*. Lisboa: Livres Horizontes, 2006.

_____. *Sémiotique ouverte: itinéraires sémiotiques em communication*. Paris: Lavoisier, 2007.

_____. *Ethnographie d'une exposition. L'espace, le corp set le sens*. Paris: Centre Culturel Georges Pompidou, 1989.

_____. Semiosis de l'idéologie et du pouvoir. In: *Revista Communications*. N28. Paris: Du Seuil, 1978.

WESCHENFELDER, Aline. *A cura como pretexto de arrebanhamento*. Trabalho apresentado no VIII Comsaúde. São Leopoldo, Unisinos, 2005.

Resumo

As transformações nos processos da comunicação midiática que dão existência a novos desenhos de organização e de funcionamento do âmbito dos processos de circulação, são os objetos centrais deste artigo. Parte-se da hipótese de que os processos de mediatização crescente da sociedade, especialmente aqueles ocasionados pela convergência de tecnologias, tornam mais visível o funcionamento dos dispositivos circulatórios de discursos, repercutindo nos modos de constituição de novos produtos midiáticos e, principalmente, nos modos de constituição e de funcionamento dos vínculos entre as mídias e seus usuários. Estes deixam de ser “elementos” de um processo para se converter, ou serem convertidos, em dispositivos estratégicos no funcionamento dos próprios processos de mediatização e de suas práticas. Redescobertos e resituados, os sujeitos deixam de ser apenas “objetos” no âmbito de práticas de interação midiáticas. E, naquele da pesquisa acadêmica, adquirem o *status* de um novo “objeto”, dinamizados que são pelos efeitos destas mutações.

Palavras-chave

Recepção; Circulação; Mediatização; Interface; Interpenetração.

Abstract

The changes in the processes of media communication that give life to new designs for the organization and functioning of the proceedings of movement are the central objects of this paper. It starts with the assumption that the processes of increasing media coverage of society, especially those caused by the convergence of technologies, make it more visible the operation of devices for circulatory speeches, reflecting the modes of constitution of new media products, and especially in the ways of formation and operation of links between media and its users. These are no longer “elements” of a process to convert or be converted into strategic devices operating in the very processes by media and their practices. Rediscovered and situating the subjects are not merely “objects” in the practices of media interaction. And in that academic research, acquire the status of a new “object”, which are driven by the effects of these mutations.

Keywords

Reception; Circulation; Mediatization; Interface; Interpenetration.